

Vozes da alteridade na literatura contemporânea de recepção infantil e juvenil¹

Fernando Fraga de Azevedo

RESUMO Partindo da dilucidación da categoría ontolóxico-filosófica do Outro, Fernando Fraga de Azevedo rastrea algunhas marcas da súa presenza na literatura contemporánea de recepción infantil e xuvenil, intentando poñer de manifesto os seus diferentes modos de manifestación. O repaso iníciase coa análise dos contos tradicionais, onde o Outro gaña visibilidade e supera a súa condición de ser marxinal grazas ao seu propio esforzo, e transcorre por títulos de autores portugueses ou traducidos ao portugués como *O homem que tinha uma árvore na cabeça*, de José Jorge Letria; *O veado florido*, de António Torrado; *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor*, de Jorge Amado ou *História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar*, de Luís Sepúlveda, entre outras, aludindo en cada caso ás estratexias que se empregan nestes textos á hora de abordar a cuestión da alteridade. Ademais, contextualiza o papel da Literatura Infantil e Xuvenil no ámbito dun proxecto educativo.

ABSTRACT After an explanation of his location of the philosophical category of the Other in ontology, FfdeA looks for evidence of its presence in the reception of contemporary children's literature, and attempts to show the different ways in which it is articulated. His survey begins with an analysis of popular tales, in which the Other becomes more prominent, overcoming its marginalized position by its own efforts. He goes on to look at works by Portuguese authors and works translated into Portuguese, such as *O homem que tinha uma árvore na cabeça*, by José Jorge Letria; *O veado florido*, by António Torrado; *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor*, by Jorge Amado, and the *História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar*, by Luís Sepúlveda. In each case, he points to the strategies employed in the text when alterity is dealt with. Finally, he locates the role of children's literature in an outline curriculum.

¹ Este traballo, que teve o apoio parcial da unidade de investigación da Fundação para a Ciência e Tecnologia CIFPEC-LIBEC da Universidade do Minho, insere-se no ámbito do proxecto de investigación "Infância, Memória Literária e Saberes", retomando, com breves alteracións, a conferencia proferida no ámbito do VI Encontro Nacional de Literatura Infantil, que decorreu na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real, Portugal), entre 25 e 26 de Marzo de 2004.

Embora o conceito de alteridade e os mecanismos simbólico-culturais para o expressar se revelem, em consonância com os códigos e convenções dominantes no sistema semiótico literário, cultural e contextualmente dependentes, na acepção em que intimamente correlacionados com as significações que a tradição e as comunidades socioculturais sincronicamente existentes definem e explicitam como tal (Stephens, 1992; Yubero, Larrañaga e Cerrillo, 2004), é inegável que, no domínio dos estudos literários, este conceito pressupõe a compreensão das múltiplas acepções incluídas naquilo que as sociedades designam como humanidade (Gardner, 2000).

O Outro, termo que semanticamente se dá a ler como portador de uma diferença ou dissonância fundamental relativamente a uma totalidade assumida numa perspectiva homológica ou identitária, podendo situar-se, ideológica e pragmaticamente, nas periferias ou interstícios simbólicos de um mundo possível (McEvilley, 1999: 11), define-se e é definido² em função de um tempo e de um espaço cognitivos, marcados pela presença de um sujeito da enunciação e em articulação com sistemas de valores e de ideias cuja natureza, sendo perspectivada numa óptica intrinsecamente humana (cf. valores, qualidades e/ou desejos como o amor, a honra, a lealdade, a coragem, a amizade, etc.), se revela em larga medida trans-histórica.

6

Nesta perspectiva, a ocorrência de situações que ostensivamente recusem as limitações impostas pela racionalidade do mundo empírico e histórico-factual³ e/ou que explicitamente consubstanciem uma abertura de horizontes –numa acepção não restritiva do termo–, podem, em função dos contextos de interpretação em que se situam os agentes da semiose, ser lidas como manifestações do Outro, já que este parece exprimir tudo aquilo que, pelo seu grau de afastamento factual ou simbólico relativamente à perspectiva de um estar no mundo hegemónico, unidimensional e totalitário, se mostraria como singular, questionando e reclamando, pela sua presença e/ou pela visibilização mais ou menos conseguida dos seus gestos, também o direito à plena

² Um dos fenómenos que, com maior incidência, tem contribuído para a emergência do Outro, em facetas múltiplas e em incessante processo de transformação e enriquecimento, tem sido a globalização. De facto, a universalização da comunicação e a consciência colectiva de pertença a uma comunidade, cada vez mais global, tem motivado uma crescente e permanente reorganização dos traços semânticos que definem e caracterizam o Outro.

³ Cf., por exemplo, a convocação do maravilhoso, do inverosímil ou do assumidamente contrafactual. A este propósito, veja-se Rosemary Jackson (1995).

existência e ao seu papel enquanto elemento co-definidor do sujeito da enunciação⁴.

Tentar perceber e explicitar alguns dos modos pelos quais a alteridade se manifesta na literatura de recepção infantil e juvenil será agora a nossa próxima tarefa.

Fortemente condicionada, em termos diacrónicos, por preocupações de natureza educativa e por uma tradição que parece visualizar a infância como uma etapa no desenvolvimento do sujeito, marcada por uma certa inocência idílica que importa preservar e proteger, a literatura de recepção infantil e juvenil tem exibido o Outro e as suas manifestações de uma forma frequentemente simbólica ou alegórica. De facto, como recentemente sublinharam os editores da revista *Bookbird* (Freeman *et alii*, 2003: 2-3), num número especialmente dedicado ao tratamento de temas polémicos pela literatura infantil, há determinados assuntos que, pela sua natureza e em função dos contextos socioculturais em que os agentes da semiose se situam e interagem, não parecem ser passíveis de abordagem pela literatura que tem a criança como destinatário explícito, a não ser que assumam uma forma ostensivamente eufemística⁵. É, de facto, a partir desses lugares⁶ que o Outro emerge e, manifestando-se polifonicamente, exhibe a sua subjectividade, estimulando o leitor a interrogar o texto e, por via dele, o próprio metassistema social que nele se reflecte mediatamente.

7

⁴ Nesta perspectiva, a leitura representaria, para o leitor, uma forma de abandonar o seu solipsismo e, penetrando na consciência do Outro, tal como ela é reconstruída imaginariamente nos textos literários, reencontrá-lo através dos signos do texto (Lecerle, 2002).

⁵ No número da revista *Bookbird* acima citada, refere-se o caso de autores finlandeses cujas obras, abordando temas polémicos e controversos como a toxicod dependência, o rapto, o assassinio, o terrorismo ou a questão da sida, foram objecto de pedidos de censura por parte da imprensa e da televisão. Cf. Kaarina Kolu (2003).

⁶ Configurando-se como uma literatura cosmopolita, na acepção em que do seu cânone, como sublinhou Américo Lindeza Diogo (1994: 7), podem fazer parte não só os textos pertencentes ao património da língua e da cultura portuguesas, mas também os do património universal da cultura adequados à infância, o Outro ganha visibilidade também pela ostensiva presença de outras culturas, de outras raças e/ou de outras temáticas. Todavia, como adequadamente nos alerta Vivian Yenika-Agbaw (2003), num ensaio publicado na revista *English Leadership Quarterly*, a partilha de textos que abordem temáticas de natureza multicultural pelos mediadores com as crianças pode, em função dos objectivos que se pretendam atingir, implicar juízos valorativos acerca das práticas do grupo cultural em questão. E isto pode acontecer porque, dada a crescente iliteracia cultural, os mediadores e/ou as próprias crianças poderão não compreender experiências culturais com as quais não se encontram familiarizados. Daqui decorrem, em larga medida, muitas das preocupações que enformam a investigação que se realiza actualmente no campo da tradução da literatura de recepção infantil e juvenil.

Nos contos tradicionais, por exemplo, o Outro ganha visibilidade e supera frequentemente a sua condição de alguém explicitamente colocado à margem pelos detentores do poder simbólico graças à sua força de vontade e ao seu próprio esforço, podendo ser auxiliado, no seu empreendimento, por aqueles que também partilham com ele essa natureza. Narrativas breves como *A Gata Borracheira* (Grimm, 2001: 134-140) ou *O Patinho Feio* (Andersen, 2003: 105-120) são, a este respeito, exemplos interessantes.

Na narrativa *O homem que tinha uma árvore na cabeça*, de José Jorge Letria (1991), a condição de ser Outro é dada a ler não só pela aparência física da personagem principal (ser simultaneamente humano e vegetal), como também pela incapacidade de socialmente afirmar o seu próprio nome: “chamava-se Tenório, mas, como tinha uma árvore na cabeça, passaram a tratá-lo por outro nome mais engraçado e fácil de decorar: Arbóreo.” (Letria, 1991: 2).

Despojado do seu nome próprio, marca fundamental de individualização do ser, e reconhecido por uma alcunha atribuída pelos que o consideravam não semelhante a si, Arbóreo encontra naqueles que assumidamente partilham a liberdade os companheiros de diálogos longos e frutuozos: os pássaros e as crianças.

Todavia, a alteridade física de Arbóreo, em consonância com o sabor das suas ideias, rapidamente se torna motivo de desconfiança e, objecto de prisão, a singularidade do ser é anulada e não reconhecida. Sentenciado a evidenciar a sua utilidade social, o narrador explicita-nos que a madeira de que era feito Arbóreo serviu para alimentar armas e canhões durante a Guerra dos Trinta Anos.

Em *O veado florido*, de António Torrado (1994), o Outro, pela sua singularidade e distinção relativamente aos demais, torna-se motivo de cobiça e, privado da sua liberdade intrínseca, em nome da satisfação egoísta dos desejos do “senhor muito rico”, como que se anula e extingue.

Também a obra de Jorge Amado (1993) *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor* aborda a questão da alteridade, mas a relação afectiva e “inesperada” do Gato e da Andorinha (felino / ave, mamífero / ovíparo, terrestre / aéreo), relação desafiadora de acordo com determinados quadros de referência comuns (Azevedo, 1995: 52), condena os dois amantes, fazendo com que o Gato (o Outro) se refugie no mais recôndito dos lugares, após o casamento da Andorinha com o Rouxinol (o Mesmo), deixando-se

devorar pelo outro que também já foi expulso e vive à margem: a Cobra Cascavel.

Em *História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar*, de Luís Sepúlveda (2002), a problemática do Outro e das diferenças interculturais é explicitamente colocada desde o título, acentuando-se à medida que Ditosa, a gaivota orfã, é educada e criada pelos gatos do porto, em particular por Zorbas, o gato grande, preto e gordo. Se a relação maternal que se estabelece entre todos parece ser um pouco insólita, ela contribui, em complemento com a comunhão de vozes e de esforços que os animais estabelecem entre si, para acentuar as possibilidades de sucesso de um diálogo intercultural, através do qual o Outro, embora marcado pela alteridade, possa ser respeitado e autonomamente crescer sem quaisquer tentativas de destruição e/ou de condicionamento dos seus próprios valores.

De facto, o profícuo diálogo e respeito pela especificidade de cada um que seres tão díspares como um gato e uma gaivota estabelecem entre si permite fazer sobressair uma isotopia fundamental: a da comunicação entre os animais *versus* a da incomunicabilidade entre os humanos. Embora pertencentes a raças diferentes, os animais revelam-se detentores de uma linguagem universal, possuindo inclusive a capacidade de compreender o Outro, ao contrário dos humanos, que, guiados por uma outra percepção do mundo, manifestam uma forte dificuldade em estabelecerem relações profícuas de diálogo e particularmente com aqueles que não reconhecem como seus semelhantes. Todavia, esta isotopia, como assinalámos noutro lugar (Azevedo, 2003), de modo algum autoriza a possibilidade de uma visão maniqueísta do mundo do tipo humanos maus *versus* animais bons: entre as personagens humanas há, para além daqueles que poluem os mares e são causadores de sofrimento e morte, alguns que possuem comportamentos claramente eufóricos⁷, da mesma forma que, entre os animais, para além de Zorbas e dos seus amigos, encontramos também personagens animais com comportamentos explicitamente disfóricos⁸. Ora, este procedimento constitui um meio de permitir a emergên-

⁷ Cf., por exemplo, o garoto que cuida de Zorbas, os homens das “pequenas embarcações decoradas com as cores do arco-íris” (Sepúlveda, 2002: 25) ou o Poeta.

⁸ Veja-se, a este propósito, por exemplo, o comportamento de Matias, o macaco que trabalha no bazar de Harry, caracterizado indirectamente como oponente da acção dos quatro amigos, alcoólico, desonesto e maldizente, ou das ratazanas que revelam elevada agressividade face a Zorbas ou ainda o caso dos dois gatos malvados que lhe dificultam a vida, procurando impedi-lo de cumprir a promessa dada, desprezando-o e insultando-o.

cia de valores éticos profundamente educativos. A cosmovisão que aqui se apresenta jamais é a de um mundo “inteiramente a Branco e Preto” (Cesariny, 1980: 66), mostrando-se, pelo contrário, que em cada espécie há personagens positivas e personagens negativas e que compete a cada um aprender a distingui-las e a agir em conformidade.

Assim, no encontro casual entre seres tão dispares revela-se a oportunidade para um melhor conhecimento de si e dos outros e para o exercício de uma história de amor e de profundo respeito pelo Outro: contra as convenções sociais ou ideológicas e profundamente crente na possibilidade de cumprimento de um sonho, Zorbas, auxiliado pelos amigos e, no final, pelo Poeta, permite que Ditosá conquiste a sua autonomia e emancipação total, ainda que tal conquista venha a ser para ele motivo de sofrimento, pela perda do ser amado que essa emancipação intrinsecamente acarreta.

A obra *Os ovos misteriosos*, de Luísa Ducla Soares (1998), aborda também, de forma eufórica, a questão da alteridade, sublinhando o valor da solidariedade e da união para, apesar das dissonâncias e da especificidade que caracteriza cada ser, poder concretizar factualmente o impossível: a conjugação eufórica da diversidade, a qual, significativamente, se opera graças à recondução dessa diversidade à matriz do ser materno⁹.

10

Em *O grilo verde*, de António Mota (2001), a alteridade é dada a ler não só pela transgressão cromática da personagem principal relativamente ao grupo em que se insere, como também pelo comportamento supostamente bizarro que esta exhibe, quando olhada pelos que a rodeiam. O assobiar em vez de cricilar, desafiando ostensivamente um determinado *statu quo* normativamente instituído, torna-se fonte de desconfiança, gerando, da parte da maioria –representada aqui pelo conjunto dos grilos pretos–, um sentimento grupal de insegurança, de que resulta a tentativa de aniquilação/resolução do problema:

Já pensaste que, se por acaso os homens te vêem, vão logo dizer aos seus amigos que há grilos que não são pretos e grilos que assobiam. Já pensaste nisso? E por tua causa todos os grilos do mundo ficam descreditados (Mota, 2001: 8-9).

⁹ “Somos todos diferentes, / mas todos queremos bem / à boa da galinha / que é a nossa mãe” (Soares, 1998: s/p).

Deves mudar de cor e nunca mais, mas nunca, nunca mais assobiar, entendido? (Mota, 2001: 10).

O Outro, na sua unicidade e singularidade, é, pelas palavras dos detentores do poder factual, explicitamente acusado de contribuir, pela sua singela existência, para um debilitamento simbólico da credibilidade e reputação da maioria hegemónica e, neste sentido, rapidamente se transforma num alvo de explícita e assumida coacção.

Todavia, no final da narrativa, é este grilo verde que, seduzindo e encantando, pela sua bela e estranha melodia, o Tio Manuel, se torna objecto de admiração e de cobiça, e, detentor de umas grandes asas cor de fogo, alcança, pelo seu próprio agir, a liberdade, ao contrário dos que, compartilhando com ele o aspecto físico, à excepção da cor e da voz, se revelam fomentadores de uma cultura de coacção e de destruição.

Mas o Outro é também frequentemente condição fundamental para a própria definição do Eu e, nesse sentido, objecto de perscrutação e de ansiedade.

O elefante cor-de-rosa, de Luísa Dacosta (1996), é, a este respeito, significativo. Tragicamente consciente e vivenciando a ausência e a solidão, pelo desaparecimento dos companheiros do seu planeta e pela morte progressiva dos elementos que simbolicamente representavam a vida, a alegria e a festa, o elefante enceta uma busca incessante pelo Outro, chegando ao ponto de se unir a um ser de outra espécie e cujo relacionamento, se prolongado no tempo, pode causar-lhe a morte.

Mas este elefante cor-de-rosa é ele próprio também um ser que representa a alteridade face ao quadro de referências comuns do mundo empírico e histórico-factual. De facto, recuperando alguns quadros de referência intertextuais herdados dos desenhos da Walt Disney, o elefante, animal pesado e corpulento, é aqui apresentado como que reinventado pela sua cor rosa, adquirindo os atributos da leveza e graciosidade, de que a panorâmica das guardas da edição de 1996 é, aliás, bem reveladora.

Em *Mouschi, o gato de Anne Frank*, de José Jorge Letria (2002), a observação do Outro e da sua privação, em complemento com o experienciar da clausura material e psicológica, que impede a verbalização, em voz alta ou ruidosa-

mente, dos sentimentos e emoções, constituem factores de transformação afectiva do Eu. Convivendo intimamente com Anne Frank, Mouschi adquire um olhar crítico e uma capacidade para perceber e vivenciar o sofrimento e o desespero de todos os que, não sendo iguais a si, convivem todavia com ele. Além disso, a presença deste animal permite, no momento em que o relato ficcional se confunde com uma outra história profundamente ligada ao universo da referencialidade –o *Diário de Anne Frank* (2002)–, tornar explícitas, por um processo de inversão e reconfiguração semântica, as isotopias da humanidade *versus* animalidade.

Em *O Gato e o Escuro*, do escritor moçambicano Mia Couto (2001), a aprendizagem e o reconhecimento do Outro têm lugar através da metáfora da metamorfose. A transposição da fronteira entre o conhecido e o desconhecido, representada, graças a uma relação de profunda interacção semiótica entre o texto verbal e o texto icónico, pelos semas da luz e da cor e a sua ausência “no lado de lá”, torna-se factor de crescimento e porta aberta, como sublinhou Fátima Albuquerque (2003), para outras transgressões. Se o castigo pela desobediência parece concretizar-se numa perda de cor e, por via da sua confusão com a noite e com o escuro, numa perda de identidade do jovem gato, a narrativa encerra-se mostrando que o Outro, independentemente da sua cor, forma ou materialização, existe no interior de cada um e que, no colorido do mundo e naqueles que afectivamente se encontram mais próximos do enunciador, esse Outro, simbolizado pela ausência de cor, se encontra sempre co-presente com todo o seu direito e naturalidade.

12

No fundo, a mensagem que esta obra partilha com o seu leitor é a de que o Outro é essencial à própria definição e completude do Eu e que, independentemente da perspectiva adoptada, no campo de observação do sujeito Alguém existe vendo e vendo-se simultaneamente.

Neste sentido, socorrendo-se dos mecanismos que institucionalizam a ficção enquanto protocolo de leitura (Schmidt, 1987: 202-209) e configurando-se como um acto simbólico (Jameson, 1981: 77) intelectualmente provocativo e humanizante (Langer, 1995: 5), a literatura possibilita àqueles que com ela interagem conhecer a multiplicidade dos rostos da natureza humana. De facto, apresentando-se como um modo de dizer o homem e os seus lugares no mundo, ela permite interpretar, com sentido crítico, não só as identidades, como também as alteridades e é graças a esta sua dimensão ética e, em larga

medida, axiológica¹⁰, em complemento à sua incessante capacidade de revelação de novos rostos, revolucionariamente inovadores relativamente aos padrões de referência que fazem parte do conhecimento que o homem tem do mundo (Azevedo, 2002: 22), que, desde sempre, a literatura, tal como a arte, tem ocupado um papel tão relevante nas relações de interaccionismo sógnico do homem com o seu meio¹¹.

Se a sua dimensão de recusa ostensiva da rotinização das experiências semióticas, solicitando à instância interpretativa uma postura de cooperação activa na concretização do texto, intrinsecamente fomenta o desenvolvimento da competência literária do leitor (Cervera Borrás, 1997; Colomer, 1995 e 1998; Mendoza Fillola, 1999; Sánchez Corral, 2003), de igual modo, ela contribui para estimular o seu espírito crítico, alargar o seu conhecimento do mundo e, vivificando uma memória cultural, expandir, de forma activa e interventiva, a sua compreensão multicultural.

Neste sentido, ao propor, com funções gnoseológicas, comunicativas e pragmáticas, uma determinada organização estrutural dos signos do seu contexto, a literatura mantém com ele uma peculiar relação semântica, pela qual, modelizando-o e recriando-o, se mostra capaz de suscitar nos seus leitores-receptores uma modificação substancial dos seus ambientes cognitivos. É aí, nessa capacidade para, configurando-se como acto *performativo* (Sánchez Corral, 2000: 153), gerar efeitos perlocutivos que a literatura de recepção infantil e juvenil alia à sua dimensão estética e criadora uma vertente projectiva de abertura à possibilidade da mudança, manifestando, pelos seus textos e pelas relações de diálogo polifónico que os seus leitores¹² estabelecem com eles, um potencial educativo fortemente relevante.

Fernando Fraga de Azevedo

CIFPEC-LIBEC, DCILM, Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho

¹⁰ Veja-se, a este propósito, a obra de Manuel F. Patrício (1993).

¹¹ Na introdução ao seu livro *La structure du texte artistique*, Iuri Lotman (1975: 25-31) refere que as manifestações artísticas têm sido, ao longo da existência historicamente estabelecida da humanidade, o companheiro inseparável do homem e que este, ainda que frequentemente obrigado a lutar pela sua sobrevivência ou privado daquilo que lhe é estritamente necessário, tem encontrado sempre tempo para essas actividades, sentindo inclusivamente a sua necessidade. De facto, contra todas as vozes questionadoras da sua utilidade ou funcionalidade social, a arte tem conseguido sempre renascer e impor-se, ao ponto de o seu exercício poder ser considerado como intrínseco à própria existência do homem em sociedade.

¹² Atendendo à importância e aos papéis desempenhados pelos mediadores na relação da criança com o texto, os textos da literatura de recepção leitora infantil configuram-se frequentemente como ambivalentes, na acepção em que, como sublinhou Zohar Shavit (1986), ostensivamente prevêem um duplo leitor-modelo: o leitor criança e o leitor adulto.

Bibliografia

- Albuquerque, Fátima, “As faces da metamorfose na obra infanto-juvenil de Mia Couto”, em Fernando Fraga de Azevedo (coord.), *A Criança, a Língua e o Texto Literário: da Investigação às Práticas. Actas do I Encontro Internacional*, Braga: Universidade do Minho-Instituto de Estudos da Criança, 2003, p. 304.
- Amado, Jorge, *O gato malhado e a andorinha sinhá: uma história de amor*, Mem Martins: Europa-América, 1993.
- Andersen, Hans C., *Contos de fadas*, Lisboa: D. Quixote, 2003.
- Azevedo, Fernando Fraga de, *A teoria da cooperação interpretativa de Umberto Eco: entre a ordem e a aventura*, Porto: Porto Editora, 1995.
- , *Texto literário e ensino da língua. A escrita surrealista de Mário Cesariny*, Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2002.
- , “Literatura infanto-juvenil e educação para os valores: leituras em torno de *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, de Luís Sepúlveda”, *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación. Galician-Portuguese Journal for the Study of Psychology and Education*, Num. 8, Vol. 10, 2003, pp. 690-697.
- 14 Cervera Borrás, Juan, *La creación literaria para niños*, Bilbao: Mensajero, 1997.
- Cesariny, Mário, *Primavera autónoma das estradas*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1980.
- Colomer, Teresa, “La adquisición de la competencia literaria”, em *Textos*, 4, 1995, Barcelona: Graó Educación.
- , *La formación del lector literario. Narrativa infantil y juvenil actual*, Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.
- Couto, Mia, *O gato e o escuro*, Lisboa: Caminho, 2001.
- Dacosta, Luísa, *O elefante cor de rosa*, Lisboa: Civilização, 1996.
- Diogo, Américo António Lindeza, *Literatura infantil. História, teoria, interpretações*, Porto: Porto Editora, 1994.
- Frank, Anne, *Diário de Anne Frank*, Lisboa: Livros do Brasil, 2002.
- Freeman, Evelyn, Barbara Lehman, Lilia Ratcheva-Stratieva, e Patricia Scharer (2003) “To the reader”, *Bookbird. A journal of International Children’s Literature. IBBY – International Board on Books for Young People*, vol. 41, nº 3 (Special Issue: Controversial Children’s Literature), 2003, pp. 2-3.

- Gardner, John, *On moral fiction*, New York: Basic Books, 2000.
- Grimm, *Contos de Grimm*, Mem Martins: Europa-América, 2001.
- Jackson, Rosemary, *Fantasy: the literature of subversion*, London & New York: Routledge, 1995. 1ª ed.: London: Methuen, 1981.
- Jameson, Frederic, *The political unconscious: narrative as a socially symbolic art*, Ithaca: Cornell University Press, 1981.
- Kolu, Kaarina, "Finish books for youth. No more taboos", *Bookbird. A journal of International Children's Literature. IBBY – International Board on Books for Young People*, vol. 41, nº3 (Special Issue: Controversial Children's Literature), 2003, pp. 13-22.
- Langer, Judith A., *Envisioning literature. Literary understanding and literature instruction*, New York & London: Teachers College Press & International Reading Association, 1995.
- Lecerle, Jean-Jacques, "Littérature et altérité. Entretien avec Jean-Jacques Lecerle, co-auteur, avec Ronald Shusterman, de *L'Emprise des signes* (Seuil, 2002)", en *Vox Poetica*. <http://www.vox-poetica.org/entretiens/jjl.htm> (27.02.2004)
- Letria, José Jorge, *O homem que tinha uma árvore na cabeça*, Porto: Porto Editora, 1991.
- , *Mouschi, o gato de Anne Frank*, Porto: Asa, 2002.
- Lotman, Iurij. M., *La structure du texte artistique*, Paris: Gallimard, 1975. Edição Original: *Struktura khudozestvenogo teksta*, Moscovo: Iskustvo, 1970.
- Mcevilley, Thomas, *Art & otherness. Crisis in cultural identity*, New York: McPeherson & Company, 1999. 1ª ed. 1992.
- Mendoza Fillola, Antonio, "Función de la literatura infantil y juvenil en la formación de la competencia literaria", en Pedro Cerrillo e Jaime García Padrino (coords.) *Literatura infantil y su didáctica*, Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1999, pp. 11-53.
- Mota, António, *O grilo verde*, Porto: Ambar, 2001. 1ª ed. 1999.
- Patrício, Manuel F., *Lições de axiologia educacional*, Lisboa: Universidade Aberta, 1993.
- Sánchez Corral, Luis, "La lectura frente al discurso del mercado", en Eloy Martos Núñez (coord.), *Puertas a la lectura*, nº 3, Cáceres: Universidad de Extremadura. Vicerretorado de Acción Cultural. Seminario Interfacultativo de Lectura, 2000, pp. 153-161.

—, “El texto y la competencia literaria infantil y juvenil”, en Pedro Cerrillo e Santiago Yubero (coords.), *La formación de mediadores para la promoción de la lectura. Contenidos de referencia del Máster de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil*, Cuenca: Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil (CEPLI) de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003, pp. 171-182.

Schmidt, Siegfried J., “La comunicación literaria”, en José Antonio Mayoral, *Pragmática de la comunicación literaria*, Madrid: Arco Libros, 1987, pp. 195-212. Edição Original “La communication littéraire”, en *Stratégies discursives*, Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1978, pp. 19-31.

Sepúlveda, Luís, *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, Porto: Asa, 2002. 1ª ed. 1997.

Shavit, Zohar, *Poetics of children's literature*, Athens-London: The University of Georgia Press, 1986.

Soares, Luísa Ducla, *Os ovos misteriosos*, Porto: Afrontamento, 1998. 1ª ed. 1994.

Stephens, John, *Language and ideology in children's fiction*, London & New York: Longman, 1992.

16 Torrado, António, *O veado florido*, Porto: Civilização Editora, 1994. 1ª ed. 1976.

Yenika-Agbaw, Vivian, “Outside teachers: children's literature and cultural tension”, *English Leadership Quarterly*, Urbana: outubro 2003, Vol. 26, nº 2, p. 7.

Yubero, Santiago, Elisa Larrañaga e Pedro C. Cerrillo, *Valores y Lectura. Estudios multidisciplinares*, Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2004.